

# **SOCIEDADE AMANTE DA INSTRUÇÃO: BENFEITORA DA “INOCÊNCIA DESVALIDA” NA CORTE IMPERIAL – 1844-1889**

Maria Zélia Maia de Souza/UNIRIO<sup>1</sup>

A preocupação com a instrução das crianças identificadas como pobres ou desamparadas no Brasil Império esteve presente nos diferentes segmentos daquela sociedade. Debates e propostas ocorreram tanto por autoridades constituídas como pela sociedade civil. O objetivo, portanto é proporcionar uma reflexão acerca da criança pobre, no período citado.

Dessa forma, nesse ensaio examino uma dessas propostas: a Sociedade Amante da Instrução, contemplando os anos de 1844 a 1889. A escolha desse foco se deve ao *corpus* documental utilizado para esta reflexão. São relatórios publicados pelo periódico Almanak Laemmert de Eduardo e Henrique Laemmert. Publicação anual pela Editora Laemmert, na cidade do Rio de Janeiro. Seu conteúdo, rico em informações para os pesquisadores, relaciona nominatas dos oficiais da Corte e seus ministérios, Guarda Nacional, nobreza titulada, profissionais de diversos ramos de atividade, uma relação extensa das diversas Sociedades e Associações além de suplementos com informações sobre legislação, dados do censo e propaganda comercial, entre outros. Sendo assim, o fazer historiográfico na perspectiva de Certeau (1982), onde importa situar o lugar social da produção discursiva, de uma prática e de uma escrita, figura nesse ensaio. Com relação ao tipo de fonte utilizada – o periódico Almanak Laemmert - Norbert Elias (1994) defende a utilização articulada de toda sorte de documentos para um estudo que traz em seu bojo a seriedade que deve prevalecer quando se realizam estudos sobre o homem.

## **A fundação**

“A barreira que a pobreza levantou diante de nós, está destruída, os sentimentos do coração perderam mais que todas as dificuldades da nossa fraca posição, e já não se dirá que o pobre é incapaz de praticar as mais nobres acções (...) Derramar a instrução sobre a mocidade pobre do paiz é tarefa tanto mais importante quanto de um alcance de valor muito súbito. Há quase dous annos trabalhamos para esse fim, mas a falta de meios não consentia que deixássemos a nossa obra concluída; porém Deus, que sabe o fundo dos nossos corações, que conhece nossos sacrificios, nos dará a coragem necessária para de uma vez só proclamar-nos. – Está creada a Sociedade Amante da Instrução”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO.  
Orientadora: Náilda Marinho da Costa Bonato

<sup>2</sup> Discurso do Sr. João Alfredo Brazil, um dos sócios da Sociedade Amante da Instrução. Cf. MURINELLY 1868.

A Sociedade Amante da Instrução foi fundada em 5 de outubro de 1829, com aulas para meninos e meninas, crianças pobres e órfãs. Os sócios da Amante da Instrução eram advindos de diversos setores da sociedade: padres, bispos, médicos, advogados, desembargadores, conselheiros, e outros. Além disso, a Sociedade foi “apadrinhada”<sup>3</sup> pela família imperial, tendo como seu patrono o Imperador D. Pedro II.

O **Estatuto** da Sociedade mandava realizar uma Assembléia Geral de todos os sócios, de seis em seis meses, para votar e examinar os atos de gestão do semestre findo as contas do mesmo período. Além disso, elegia um Conselho, também a cada seis meses. As bases dos Estatutos da Sociedade relacionados à instrução fizeram referência à uma dupla missão: a “de instruir e socorrer! Socorrer ao espírito e ao corpo”. Quanto às aulas, estas seriam distribuídas da seguinte forma: 25% para os filhos dos sócios e os outros 75% para os “necessitados”. No quesito disciplina, o desejo de abolirem os castigos corporais vinha expresso nos Estatutos, seguido da exigência de um “comportamento de noviço beneditino”, dentro e fora da escola. No plano de estudos, aulas de Gramática Francesa, Música, Taquigrafia para os filhos e filhas dos sócios e o ensino das primeiras letras para as crianças pobres. Também oferecia educação agrícola, “dada às condições do país”, para essa mesma parcela da população. Quando o Estatuto tratou das meninas pobres, o mesmo fez menção ao “Collégio das Orphãs”. Este foi instalado em 29 de junho de 1846 com 10 meninas ali recolhidas. As meninas aprenderiam, além das primeiras letras, o ensino de costura simples<sup>4</sup>.

O **Método** de ensino indicado pelo Conselho para o ensino das primeiras letras seria o método Lancaster ou Ensino Mútuo<sup>5</sup>. Entretanto, sob a alegação “das dificuldades que o mesmo apresenta e os elevados gastos para a sua implementação”, o mesmo não seria utilizado, segundo Duque Estrada, um dos diretores da Sociedade em questão.

Ao fazer referência ao custo relativamente alto para a manutenção do Método Mútuo para os cofres da sociedade, Duque Estrada referia-se aos gastos com quadros murais, sólidos para geometria, bancos e mesas para todos os alunos, ponteiros e estrados para os monitores, campainha e matracas para os sinais sonoros, caixas de areia para a escrita, ardósias e quadros-negros, além de cartões de perdões e penas<sup>6</sup>. O relatório

---

<sup>3</sup> O “apadrinhamento” da família real, tendo como patrono o Imperador D. Pedro II, foi uma prática entre as muitas sociedades civis ou religiosas, ao longo do século XIX. MARTINEZ 1998.

<sup>4</sup> Dentre os estudos que privilegiam a educação da mulher como objeto de estudo. BONATO 2003.

<sup>5</sup> Conhecido também como monitorial ou lancasteriano, desenvolvido na Inglaterra nos fins do século XVIII, difundiu-se também pelo Brasil no início do século XIX. O método previa o ensino de muitos alunos ao mesmo tempo, contando apenas com um professor e a ajuda de monitores. GOUVEIA & JINZENJI. 2006

<sup>6</sup> FARIA FILHO E VIDAL 2000

daquele diretor afirmou que a experiência pedagógica é que definiu qual o método a ser seguido. No entanto, não fez referência sobre esse método construído na prática, muito provavelmente, o ensino individual.

Sobre os professores e professoras, as fontes consultadas informam que as professoras eram remuneradas. Quanto aos professores a informação dada é que essa tarefa foi distribuída entre alguns dos sócios informando que dentre eles a prática do ensino voluntário esteve presente.

A referida Sociedade organizou suas aulas distribuindo-as entre os filhos e filhas dos sócios e procurou contemplar uma outra parcela da população: alunos pobres e órfãos, conforme já assinalado. Para os primeiros, aulas de Gramática Francesa, Música e Taquigrafia. Para a segunda parcela de alunos, em janeiro de 1832, principiaram as aulas de primeiras letras, criadas especialmente para aquele público. Além dos recursos adquiridos com as mensalidades dos seus sócios, a Sociedade contou com uma “rede” de benfeitores da “inocência desvalida” – padres, bispos, médicos, e outros - para cumprir com seus objetivos, ou seja, garantir a frequência dos alunos pobres. Portanto, a Sociedade atendeu às despesas com o papel, penas e livros. Fornecendo-lhes ainda assistência médica, vestuário e calçados. Ainda referindo-se às aulas, em 1832, a Sociedade já contava com 218 alunos, sendo 130 alunos frequentando as aulas de primeiras letras; 12 gramática nacional; 30 francês; 33 música e 4 taquigrafia.

Quanto às meninas, a Sociedade principiou seus trabalhos com 20 alunas. Sendo dez alunas pobres e dez filhas de sócios. “Acredito ser uma verdade incontroversa, que a aglomeração de alunas externas com as internas é de mais inconveniência a todos os respeito: felizmente esse mal vai cessar”<sup>7</sup>. E o relator prossegue: “a aula de São Bento, estabelecida para o ensino das internas do Collégio das Orphãs, para o que foi exclusivamente creada”.

A participação religiosa foi intensa em favor da criança pobre, a saber: São Bento para os meninos, fazendo doação à Sociedade em usufruto uma casa para atender os meninos. Para as meninas os religiosos Carmelitas fizeram doação, nos moldes acima. O Governo Central comparece através de parte do que foi arrecadado em quatro sorteios da “Loteria” em favor da Sociedade.

---

<sup>7</sup> ARAUJO 1860, p. 15

## BREVE CONCLUSÃO

Com base na análise do *corpus* documental foi possível observar a instituição em seus aspectos pedagógico, médico e social.

No aspecto pedagógico, foi possível constatar a prática do ensino diferenciado: Gramática Francesa, Música e Taquigrafia para os filhos e filhas dos sócios e o ensino das primeiras letras para as crianças pobres, acrescida do ensino de um ofício voltado para a agricultura. Nesse sentido, essa prática pode ter contribuído para reforçar as hierarquias presentes naquela sociedade. A distinção entre as crianças manifestou-se também nas relações de gênero ao buscarem locais distintos para meninas e meninos estudarem. Sendo assim, o ensino das alunas pobres ocorreu em regime de internato, no “Collégio das Órphãs”, criado especialmente para esse fim.

O saber médico ganhou visibilidade através das preocupações presentes nos discursos dos sócios ao afirmarem que pela condição social da criança – ser pobre - representaria um “mal” para as demais. Esse procedimento dos diferentes sujeitos que fizeram parte da Sociedade Amante da Instrução, vai de encontro aos critérios “científicos” adotados por médicos, que prescreveram intervenções em alguns setores da sociedade oitocentista, dentre eles os espaços para o funcionamento dos edifícios escolares, nos tipos de moradias coletivas<sup>8</sup>. Identificando a pobreza como um “mal”, aqueles profissionais o fizeram, porque associaram à categoria “pobre”, determinados comportamentos que poderiam comprometer a “ordem” desejada. Como exemplo, o investimento na educação das crianças denominadas como pobres, como forma de prevenção de um suposto “mal” que as rondava, fizeram parte das estratégias adotadas por diferentes indivíduos que habitaram o Brasil imperial. Para lhes garantir a frequência a Sociedade as atendeu em suas necessidades médicas, além de cuidar do vestuário, calçados e do material didático, como livros, penas e papel.

Quanto ao aspecto social, as fontes deram visibilidade a diferentes sujeitos organizados numa cruzada filantrópica voltada para assistência e instrução de crianças pobres e órfãs, conforme já assinalado. Dentre eles desembargadores, conselheiros, padres e bacharéis, incluindo a família imperial como sua protetora. Entretanto, permaneceu ausente nas linhas dos documentos consultados o quesito “cor”. Nenhum indício sobre a

---

<sup>8</sup> Sobre as moradias coletivas, insalubridade na Corte, CHALHOUB 1996, em seu trabalho - *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*, é referência.

possibilidade de que alguma criança “negra” ou “parda”, ter tido acesso à instrução<sup>9</sup>, no espaço da Sociedade Amante da Instrução. Ausência também observada com relação aos professores. Trazendo apenas a informação que as professoras eram remuneradas. Quanto ao sucesso ou fracasso das crianças pobres, não podemos fazer nenhuma alusão. Podemos crer, com base em Michel de Certeau em seu trabalho - *A invenção do cotidiano: Artes de fazer* - onde o autor analisa os “usos” e “abusos” diferenciados que as classes populares fazem dos produtos e símbolos culturais dominantes. Ao terem acesso aos saberes da instrução elementar, os meninos e meninas poderiam usufruir apenas aquilo que lhes interessavam, desconsiderando os bens culturais dominantes que lhes foram impostos.

Quanto ao desejo de separar as meninas pobres das demais, alocando as primeiras em uma casa para essa recebessem educação, a Sociedade Amante da Instrução consegue apenas em 1886, uma sede própria para recolher as suas “protegidas”. A inauguração da Casa para abrigar as meninas órfãs ocorre em 24 de julho de 1887. O imóvel adquirido pelos sócios da Sociedade foi a casa onde funcionou o famoso Colégio Ateneu, narrado nas memórias de Raul Pompéia - bairro de Laranjeiras - no Rio de Janeiro.

Esta Sociedade, entretanto, não deve ser vista como uma excepcionalidade, uma vez que durante o Império esse modelo de sociedades e associações particulares integraram um movimento de apoio mútuo, que propagou-se na Corte Imperial. Entretanto, as lacunas existentes são indicadoras de que as pesquisas devem continuar no campo da História da Educação Brasileira, que contemplem o período imperial.

---

<sup>9</sup> Quanto à instrução das crianças identificadas como sendo “pretas e pardas”, nos idos de 1853, um certo “professor Pretextato”, ele, declarando-se “preto”, abre uma escola na rua da Alfândega, 31 – freguesia de Sacramento – Corte. Cf. SILVA 2000.

O estudo de Silva contribui para desmistificar a idéia corrente de que os negros não sabiam ler nem escrever. Enfim, que não freqüentavam escolas ou outros espaços culturais.

## **BIBLIOGRAFIA**

**BONATO**, Nailda Marinho da Costa. *A Escola Profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica*. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas, SP: 2003.

**ELIAS**, Norbert. *O Processo Civilizador*. V. I: Uma História dos Costumes. Tradução, Ruy Jungmann; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed: 1994

**CERTEAU**, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. De Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1982

\_\_\_\_\_, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes. 10ª ed. 2004

**CHALHOUB**, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Cia. das Letras: 1996.

**FARIA FILHO**, Luciano Mendes de e **VIDAL**, Diana Gonçalves. *Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil*. Revista Brasileira de Educação. Editora Autores Associados. N.14 jan/ago de 2000. Pp.19-34

**GOUVEIA**, Maria Cristina Soares de e **JINZENJI**, Mônica Yumi. *Escolarizar para Moralizar: discursos sobre a educabilidade da criança pobre (1820-1850)*. Revista Brasileira de Educação Editora Autores Associados. V.11 N.3 jan/abr. de 2006

**LEMOS**, Daniel de Albuquerque. *II Congresso Brasileiro de História da Educação. História e memória da educação brasileira*. Natal - Rio Grande do Norte: Editora NAC. 2002. Anais p.70

**MARTINEZ**, Alessandra de S. *Educar e Instruir: A Instrução pública na Corte imperial – (1870-1880)*, Dissertação de Mestrado UFF. 1998

**SILVA**, Adriana Maria Paulo da. *Aprender com Perfeição e sem Coação: Uma escola para meninos pretos e pardos na Corte*. Brasília: Editora Plano. 2000

### **Biblioteca Nacional**

**ARAÚJO**, Antonio José de. *Relatório da Imperial Sociedade Amante da Instrução em 5 de setembro de 1860*. Rio de Janeiro: Typografia de F. Paula Brito. 1860. **BN**: I 201, 3 36.

**MURINELLY**, Luiz José de. “*Algumas considerações que acerca de um folheto impresso assinado e distribuído pelo Sr. Dr. De A. C. de Duque Estrada com o título: Prólogo para a verdadeira História da Imperial Sociedade Amante da Instrução*”. Rio de Janeiro: Typografia Perseverança, 1868. **BN**: IV 336, 5,3 nº 4

**RANGEL**, Genero. *Semeadura e colheita: memória da Imperial Sociedade Amante da Instrução*. Belo Horizonte. MG: Lutador. 1979. 350p.

## **Internet**

### **Fontes primárias**

Almanak Laemmert – 1844 a 1889

Disponível em: [www.crl.edu/bsd/bsd/almanak](http://www.crl.edu/bsd/bsd/almanak)

Center for Research Libraries